

SUMMARIO
DAS MATERIAS DESTA VOLUME

- I. A etimologia dos nomes geográficos indígenas, de índole...
- II. A etimologia dos nomes geográficos de origem brasileira...
- III. A etimologia dos nomes geográficos de origem africana...
- IV. A etimologia dos nomes geográficos de origem asiática...
- V. A etimologia dos nomes geográficos de origem europeia...
- VI. A etimologia dos nomes geográficos de origem mista...
- VII. A etimologia dos nomes geográficos de origem desconhecida...
- VIII. A etimologia dos nomes geográficos de origem...
- IX. A etimologia dos nomes geográficos de origem...
- X. A etimologia dos nomes geográficos de origem...

Nótulas sobre a toponymia geographica (de origem brasilico-americana ou indigena e de origem brasilico-africana), em Minas Geraes (*)

(CONTINUAÇÃO DO MESMO TRABALHO DO PROFESSOR NELSON DE SENNA, JA' PUBLICADO NOS TOMOS XX, ANNO DE 1934, PÁGS. 191 A 337, E XXV, ANNO DE 1928, PÁGS. 107 A 146 DESTA "REVISTA DO ARCHIVO PUBLICO MINEIRO").

D

DACAMA — Primitivo nome indigena de um córrego na região diamantina, perto das lavras do Caethé-Mirim (Valle do Alto-Jequitinhonha). Tal nome depois se corrompeo na expressão *Dacamão*, confundida por muitos com a fórma composta da locução portugueza: *dá-cá-a-mão*, mas que, ao nosso parecer, procede da alcunha tapuia — *Deicamá*, os *somilicos*, ou os *pouco generosos* [injuriioso appellido que os Bugres dão aos que lhes negam as cousas e não são para elles ddivosos]. Confere TELEMACO BORBA, á pág. 7 do seu livro tão interessante sobre *os costumes dos índios paratuenses — os Caingângues*. Tanto em Minas Geraes, Bahia e Espirito Santo, como pela região meridional brasileira de São Paulo a Santa Catharina, dominaram hordas de Bugres da nação *Botoçuda*. Embora os dois nomes locais mineiros *Dacamão* e *Coromandél* se revistam dessa enganadora apparencia de asiaticismos [pois se conhecem no Extremo Oriente, por onde andaram portuguezes, nomes identicos, no Indostão e Oceano Indico], o que é certo é serem elles puras denominações indigenas: representam corruptelas prosodicas, o primeiro — da voz tapuia *deicamá*; e o se-

(*) Estas "Nótulas" de Philologia ethno-historica se baselam em excerplos tirados de maior trabalho do Autor, versando sobre os nossos *nomina locorum*, toponymos locais de puras vozes indigenas ou de brasileirismos dellas derivados, e de outras formações hybridas (luso-americanismos e afro-brasileirismos), quando não de vozes também typicamente africanas na linguaagem brasileira.

gundo — da expressão tupi — *corumandê*, alterada em *corómandê* e depois em *Corómandêl*.

DADA — Nome de uma cachoeira e lugar de mineração, em terrenos diamantinos [no districto de Dattas, do município de Diamantina]. Talvez não passe de uma variante de *Dandá*, corruptela ou alteração prosódica no Brasil do nome loandéz *Dãnde*, que é africano [rio da possessão portuguesa de Angóla]. Também temos visto o nome *Dáda* empregado, familiarmente, como appellido de certos nomes próprios de homens, no interior de Minas. A creanças se ensina a trocar os primeiros passos, dizendo-lhes: *dandá, p'ra ganhar vinlém...*

DENDÊ — Sitio assim chamado, na extrema septentrional de Minas, nos limites com o Estado da Bahia; e outro lugar *Dendê*, no município mineiro de Abaelé [citado pelo Dr. ANTONIO OLYNTHO, na sua *Relação de Viagem ao Abaelé Diamantino*].

Velo-nos esse nome exótico — *Dendê* — da palmeira de origem africana, que dá o côco de cuja amendoa se extráe o celebre *azeite de dendê*, condimento indispensavel de muitas comidas e acepipes da picante e saborosa cozinha bahiana [como o *vatapá*, o *caruru'*, a *moquéca*, etc.]. O coqueiro *dendê*, em botânica, foi classificado por LINNEO de *Elais Guineensis*, tendo sido igualmente estudado por JACQUARD. Veio certamente transplantado desde os meados do seculo XVI, durante o primeiro trafico dos escravos da Costa da Guiné para o Brasil [Bahia], onde se aclimou qual se aqui fôra o seu proprio *habitat*, na zona quente do litoral do Norte do nosso paiz; e aqui se tornou selvagem ou nativa esta palmeira da Africa. O toponimo mineiro se liga, de certo, a algum coqueiro de *dendê* plantado, outróra, nos sitios denominados *Dendê*, quer no septentrião mineiro (municípios de Tremedal e Rio Pardo do Norte), quer no Oeste de Minas [valle do Abaelé]. O papel que fazem o toucinho, a banha de porco e a manteiga, na culinária mineira e do Centro do Brasil, é exercido na cozinha nortista pelo menos, da Bahia até Pernambuco, pelo *azeite-de-dendê*. Este é o oleo amarellado e grosso, extrahido da polpa e caroço dos côcos do Dendzeiro, e tambem conhecido por *azeite-de-cheiro*, com o qual se temperam os *quitutes* bahianos, em que entra o peixe, notadamente. Ha na flora Amazonica uma palmeira indigena, a *calanê* (em botânica, *Elais melanococa*), muito parecida com o verdadeiro *côco-dendê*, segundo já o fizera notar o naturalista J. Barbosa Rodrigues, [natural de Minas Geraes e antigo Director do Jardim Botânico do Rio de Janeiro].

DENDY — Córrego desse nome, no districto pontenovense de São-José-da-Barra-Longa [valle dos rios Piranga e Gualaxo]. O nome

local tem apparente terminação indigena, e póde ser interpretado como palavra hybrida, africo-tupi, para significar o "córrego dos dendês" [*dendê*, nome africano de uma palmeira do Congo e Guiné, introduzida, desde o seculo XVI, em nosso país — a *Elais guineensis* — e *y* ou *yg*, "agua", em lingua tupi, e, por extensão de sentido, qualquer arrôio, córrego, regato, ribeiro, ribeirão, ou mesmo rio pequeno]. Essa palmeira se tornou nativa, no Brasil, principalmente na Bahia e sertões do São Francisco. Por isso o nome *dendê* se generalizou, alli.

DERRIBADA — Nome de varios sitios e mórros de Minas. E' um brasileirismo muito generalizado em todo o paiz, mórmente no Brasil Central. O nosso caipira emprega o termo "derribada", em lugar do vernaculo *derrubada*, para designar o lugar na matta onde aquella se fez, por terem sido a propria matta virgem ou o capoeirão grosso abatidos a machado para a formação preliminar do "roçado", que, depois da *queimada*, e após o serviço do "encoivamento", deixa o terreno em estado de receber a sementeira para a *roça* propriamente dita. O acto de abater a golpes de machado os grossos troncos e os pesados madeiros da floresta, do matto-*virgem*, do "capão grosso", ou do "capoeirão" [*capoeira grossa*], é que, em Minas, constitue a verdadeira *derribada*. Entretanto, no Ceará [dê-lo ILDEFONSO ALBANO), quando se abate o matto a facão ou a foíce, dá-se o nome de *bróca* ao mesmo acto de derribar. Os lavradores e roceiros de Minas só chamam de "derribada grossa" a que se faz a machado, como preparatoria da "queima" de matto grosso [na matta virgem].

DERRIBADINHA — Nome de um lugar, fazenda e estação ferrea [E. de F. VICTORIA a MINAS], á margem do Rio Doce, na comarca de Caratinga. E' outro brasileirismo, de peculiar significado, nos usos da nossa vida agricola. De preferencia ao machado, empregam os lavradores mineiros a foíce para o córte ou pequena "derribada" de *capoeiras* finas, de matto que ainda não engrossou, pois tambem denominam "capoeira de machado" a que exige o trabalho dos machadeiros ou cortadores mestres, para "derribarem" madeira de troncos corpulentos. Quando se faz o córte de pequena porção de matto num "roçado", emprega-se igualmente, em Minas, o mesmo nome — *derribadinha* —, por se tratar de um "roçado" de área limitada, em que não houve a *derribada* de grandes arvores; e quasi sempre a pequena "derribada", é feita para formar-se uma *rocinha*, cuja "palhada" se converte depois em um "póstinho". Esse

diminutivo abrigado do termo "derribada", é dos mais frequentes, na linguagem rural do paiz.

DESCOBERTO — Nome de um districto e arraial, no municipio de São João Nepomuceno, zona da Matta, valle do Rio Novo. E' outro nome local de peculiar significação brasileira esse de "Descoberto". Muitas localidades da zona aurifera de Minas Geraes receberam tal denominação [por exemplo: "Descoberto do Pessanha", "Descoberto do Cuyeté", "Descoberto do Pitanguy", etc.], porque "o termo *descoberto* [diz um chronista], conforme o *Regimento das minas*, era empregado para designar a achada de ouro, onde não existisse concessão ou *cala* aberta". Os primeiros habitantes, que affluíam ao *descoberto*, formavam um nucleo de população aventureira e pouco estavel; e, se o logar prosperava, fixando-se nelle os moradores, edificando habitações permanentes, em torno de uma pequena capella ou igreja, surgia então o "arraial", succedendo ao *descoberto*. Assim foi sempre em Minas, dos fins do seculo XVII aos começos do seculo XIX, emquanto a mineração do ouro empolgava a geral actividade do nosso povo, em grande parte do territorio montanhoso do Brasil Central. No districto já referido, prevaleceu a primitiva denominação de "Descoberto", com a origem apontada.

DESEMBÓQUE — Nome de um antigo districto de mineração de ouro, o chamado *Desembóque-do-Araxá*, no Triangulo Mineiro, onde hoje faz parte do municipio e comarca de Sacramento. Fica o velho e outrora opulento arraial, que já foi séde de um "Julgado", colonial, e hoje é apenas o simples districto de *Desembóque*, encravado no chapadão do seo nome, no valle mineiro do Rio Grande [aguas da bacia do Paraná]. Noutra região mineira, existe tambem uma lavra do *Desembóque*, formada de alluviões auríferas, nos "desbarrancados" da antiga Campanha-do-Rio-Verde [ao Sul do Estado]. Ao antigo sertão uberabense da "Farinha-Pódre" iam ter duas únicas estradas coloniaes, em direcção ás minas de ouro goyanas: a chamada "Picada de Goyaz", ligando Villa Rica de Ouro Preto, através do Oeste de Minas, por Sabará, Oliveira, Pitanguy, Itapeçerica [Tamanduá], Bambuhy, Araxá e Uberaba; e o denominado "Caminho de Goyaz", vindo de São Paulo, passando por Jundiáhy, Campinas, Casa-Branca, Franca e Uberaba. Mas, o ponto certo onde iam se unir ou "desembocar" esses dous caminhos officiaes, entre Minas Geraes, São Paulo e Goyaz — e que eram as únicas vias permittidas então para o Fisco Real poder evitar o contrabando e extravio do ouro sujeito aos "quintos" reaes, — o ponto fatal em que as duas estradas faziam junção ou "desembocavam", era no arraial do *De-*

sembóque, no taboleiro araxano. Dahi a origem do nome local desse afamado rincão sertanejo, donde seguia para a antiga Capitania Goyana uma só estrada de penetração terrestre para o coração do Brasil.

DÓMBE — Povoadinho do municipio da Villa de Carandahy [na comarca de Barbacena]. *Dómbé* é termo angolense e relembra igual toponymia em Benguela, na Africa Occidental Portuguesa. Foi vocabulo transplantado ao nosso paiz, por effeito da escravatura negra, com o trafico dos africanos, iniciado nos primeiros decennios do seculo XVI. Em Minas, os nomes locais procedentes de africanismos são numerosos, nas zonas de mineração de ouro e diamantes, onde houve maior escravatura, como, *verbi gratia*: Ambáca, Andu', Angóla, Angú, Banguê, Bêngo, Cabinda, Candónga, Cabórgue, Cónco, Cúmbe, Dúnga, Dánde, Góngo, Guiné, Grunga, Giló, Inháca, Inhãme, Jongo, Janga, Lêbo, Loanda, Loango, Mambémbe, Mandinga, Mombança, Moçambique, Nagô, Ogó, Pángo, Quilombo, Quitanda, Sanzala ou Senzala, Sunga, Tâmbó, Zungu', etc.

DORADOQUARA — Novo districto creado em 1923, no municipio de Monte-Carmello (lei mineira n. 843), no valle do rio Dourado e bacia do Paranyba, na região do Triangulo Mineiro. E' um hybridismo esse nome officialmente dado ao novo districto carmelitano. A pronuncia caipira alterou em "dórado" o nome vernaculo "dourado" [pelo qual se conhece, vulgarmente, a *Piracanjuba* (apreciado peixe de agua doce), e *quára* é nome tupi, significando — "buraco, pôço, refugio, toca", donde querer exprimir esse nome hybridico *Dorado-quára*: o "buraco ou toca dos dourados", isto é, dos peixes "dourados". [Vide adiante o toponymia *Dourado-Cuêra*].

DOURADO-CUÊRA — Nome de uma cachoeira do rio Paranyba, entre as comarcas mineiras do Prata e de Platina [hoje Ituyutaba] e o territorio do fronteiro Estado de Goyaz. E' uma expressão hybridica, com elementos de origem luso-tupi, e já formada na linguagem brasileira. Os lexicos de além-mar mandam escrever e pronunciar — "doirado"; mas, em nosso paiz, a graphia e pronuncia são invariavelmente — "Dourado", que a prosodia caipira converte, em "Dórado".—O termo "dourado" e seus derivados "douradinho" e "douradinho" se empregam muito, em Minas. A um rio de aguas amarello-claras dá o povo logo o nome corrente de rio "Dourado", ou o de "Douradinho", se é de curso menor. Assim, por exemplo, no Sul de Minas, existem, no valle do Sapucahy, rios e logares denominados "Dourado" e "Douradinho", o que tambem se dá na região do Triangulo Mineiro, onde ha esses mesmos toponymos, e o de "Dourados", na comarca de Patrocínio e região das minas diamantíferas

da antiga Bagagem. Nas zonas criadoras de Minas, a um boi de pello amarello-fulvo, tirante a ouro fosco, baptizam os criadores, vaqueiros e carreiros com o nome muito expressivo de "Dourado"; e a um cavallo de fino pello amarello-ouro, mais carregado que o de pello "baio", chamam de "Douradillo". Voltando no nome da formidável catadupa do Rio Paranyba, entre Minas e Goyaz, diremos que é ao grande e sabroso peixe de agua doce, o "Dourado" [Piracanjuba dos selvagens] que deve a bella cachoeira paranaybana o seo nome. hoje alterado na expressão *Cachoeira Dourada*. Na fórma hybrida *Dourado-Cuéra* [primitiva denominação], *coéra*, alterado em *cuéra*, significa "velho", em lingua tupi, [o que seria talvez allusão a algum enorme "dourado", já velho porque era talúdo, ali pescado outr'ora]. Essa é, aliás, a tradição regional colhida sobre a origem do toponymo *Dourado-Cuéra*. Entretanto, o nome official de um novo districto creado em territorio de Monte-Carmello pelo Congresso Legislativo Mineiro, nessa região triangulina, permite outra interpretação, na etymologia da palavra — *Douradoqudra* — o "buraco ou refugio dos dourados", [o que é bem differente de *Dourado-Cuéra* — que se traduziria por: o "dourado velho ou talúdo"]. Não são raros os nomes locais brasileiros, encontrados em Minas e São Paulo, e até na Amazonia, provenientes de hybridismos aqui formados. Baste-nos lembrar estes casos: Botuculandia, Cafelandia, Cannarãna, Itacolomito, Itabirito, Itápolis, Japiópolis, Pinhotiba, Mundurucânia, Urucânia, Urucuyanópolis, Xingutânia, etc.

DUDU — Lugar do municipio de Pitanguy (Oeste Mineiro). E' nome local provavelmente tirado de um conhecido appellido familiar ou domestico, muito commum no Brasil, e dado tanto a nomes de homens como de mulheres, no interior de Minas. Temos visto muitas senhoras, chamadas Augustas e Eduardas, tratadas por *dona Dudu'*, assim como varios cidadãos appellidados de *Dudu'*, mórmente os de nome proprio Eduardo. Não cremos, como já alguém inculcou, que o nome local *Dudu'* seja termo indigena. Como bastantes vezes acontece em relação a esses casos de denominações de localidades, o topónimo resultou da alcunha de um antigo morador ou proprietario do lugar ou sitio, que delle tomou o nome ou appellido pelo qual era a pessoa vulgarmente mais conhecida. Ha muitos exemplos similares desses nomes de logares, resultantes de appellidos de pessoas: Badú, Bedéco, Manóca, Zéca, etc.

DUMBA — Entre a Serra do Riacho do Vento e o sitio do Jatay, na estrada entre Curvello e Diamantina, fica o rancho ou pouso denominado *Dumbá*. A Serra do *Dumbá* [contraforte do Espinhaço]

acompanha o córrego do seo nome, pelo territorio do districto diamantino de Daltas. O Sr. J. Augusto Neves, á pag. 19 da sua *Chorographia do Municipio de Diamantina*, escreve — *Serra do Dumbár*, variante gráphica e prosódica do dito nome local. Mais dous logares ou fazendas dos municipios mineiros de Bomfim [districto de Campo Alegre] e ainda de Diamantina [no districto de Gouvêa] tem este mesmo nome de *Dumbá*. O córrego do *Dumbá*, no ultimo municipio citado, é affluente do rio Jequitinhonha. Tambem occorre em Goyaz o mesmo nome local, até com o diminutivo *Dumbazinho*; e na extrema de Minas com São Paulo, na Cadeia da Mantiqueira, era tambem chamada *Serra do Dumbá* uma pequena ramificação dessa cordilheira. Igualmente, existe uma familia com esse appellido ou cognome—*Dumbá*, no Norte de Minas. Não nos parece indigena a denominação, mesmo porque existe um lugar de Angola, no rio Cuânza, com esse nome de *Dimba*, que assim se nos affigura termo africano do idioma *n'bundo*, embora no Brasil o accento tónico do vocábulo se deslocasse para a última syllaba — *Dumbá*.

A localidade goyana, a que acima nos referimos, é uma fazenda conhecida por *Dumbazinho*, onde o illustre filho de Minas General Couto de Mazalhães, fundou, em 1863, um estabelecimento para educação dos jovens selvicolas, sob o titulo de "Collegio Isabel", á margem do rio Araguaya. A série dos "africanismos" — que se encontram em territorio brasileiro, dando nome a logares — tem de ser, portanto, acrescida desse topónimo *Dumbá*.

DUNGA — Nome de um sitio e córrego de Minas, no municipio de Pitanguy [valle do rio Pará, bacia do São Francisco]. Deve o topónimo, provavelmente, a sua origem a algum avalentado e antigo morador do sitio; pois, entre nós, o termo *dunga* é, vulgarmente, o mesmo que "valentão". Não obstante haver um vocábulo indigena, *Dangy* — corruptela de *tangy*, [melhor *tangil*], que indica o grau diminutivo de "novo" ou "recente" [o que é "novinho", "frequentinho"]. pensamos que só muito forçadamente é que seria possível approximá-lo do topónimo "Dunga", para dar-lhe procedencia americana, aliás duvidosa. Entretanto, estes termos empregados em logares, que nos viéram de usos e nomes africanos: *coringa*, *dunga*, *buzi* ou *búzo*, *zápe* ou *zápete*, *marimbo* — nos firmam a presumpção de ser o nome local mineiro um africanismo, como effectivamente o é. Não nos parece indigena a denominação, pelo facto de havermos verificado que *dunga*, em lingua de negros da Costa, quer dizer "senhor", e a conhecida frase africana, conservada do tempo da escravidão: *Dunga tará sinheré!* — uma especie de saudação dos

negros aos amos ou senhores — era o estribilho de uma cantiga enxada pelos captivos, no êito e á noite, á hora do toque de recolher das "sanzalas", nas antigas Fazendas do Sul [Minas, Rio e São Paulo].

Ao demais, encontra-se, na avifauna africana, um passaro dentirostro, o *du'ngu* ou *du'ngo*, na provincia de Angóla [o *Enneoctonus collures*]. Tendo o referido significado de "valentão", *dúnga* é ainda um termo de gíria empregado em certos jogos de cartas — como acima dissemos — e corresponde, ora ao "conde", ou "valete", ora ao "dous-de-páus", assim como dão os jogadores caipiras o nome de *zápe* ou *zap'le* ao "quatro de páus", quando jogam o *truque*.

DURANDE' — Nome de um lugar sito no districto de Dôres-do-Rio-José-Pedro [município oriental mineiro de Manhumirim]. Parece-nos de procedencia indigena a denominação supra, cuja etymologia não pudemos ainda identificar, comquanto bem raros sejam, nas linguas selvagens do Brasil, os nomes iniciados pela voz ou letra *D*, com o correspondente som português [o tupi, por exemplo, não pronunciaria *dê* e sim *djê*]. Relembremos aqui este escasso número de termos indigenas, começados por *d* e alguns delles, ainda assim, de contestada origem brasilica: *Ducamá* ou *Dacamán*, *Dacuary* ou *Daquary*, *Dadá*, *Dadacá*, *Daduri*, *Damacury*, *Danixéo*, *Dari*, *Darien*, *Dapatará*, *Darahá*, *Decâmá*, *Depatary*, *Deiró*, *Demity*, *Demeuêne*, *Dendy*, *Dengó*, *Dibá*, *Díndi*, *Dipatu'*, *Dónapu'ca*, *Dorín*, *Dorizón*, *Dubulé*, *Duánaé*, *Durandé*, *Durúta* e poucos mais topónimos indigenas iniciados por *D*, no territorio brasileiro.

DURU'TA — Sitio desse nome, em territorio do município norte-mineiro de Montes Claros [região do Rio Verde Grande]. Como acontece a *Durandé*, também desconhecemos a origem etymologica desse topónimo. Ignoramos mesmo se é, de facto, voz brasilica, ou indigena, ou se de outra procedencia [africana ou americana]. Apenas nos ocorreria aventar se não será tal nome um desses muitos "brasileirismos" surgidos da espontânea formação popular e que enriquecem a onomástica geographica brasileira. Entre os derivados do adjectivo vernáculo "duro", conta a linguagem do nosso povo estes: "durão", "durázio", "durantão", "durôna", "durinho"... Quem sabe se não teria surgido também o termo "durúta" na linguagem sertaneja ou caipira? Os chulismos e plebeísmos procedem sempre da fértil imaginação do povo, inventando, não raro, as mais curiosas fórmulas vocabulares, que fazem o desespero dos rebuscadores de etymologias.

E (*)

ECHU' — Ha um lugar denominado *Capão do Echú* (no município de Uberaba), na região do Triangulo Mineiro. O nome *Echú* ou *Exú* designa certa *abelha negra* (em tupi, *Eichú*, contracção de *Eira-Chú*), a qual faz um ninho rugoso ou aspero. O nome ocorre em nosso paiz, sob as variantes de *Echú*, *Eichú*, *Enchú* e *Exú*, principalmente no Nordeste Brasileiro. [Há um vocabulo homonymo, de origem africana].

EIRÓ — Nome de um antigo sitio, na região das lavras auríferas do Pitanguy (perto de Pompéo), no Oeste Mineiro. É uma corruptela, por contracção prosodica vulgar, da expressão tupi *Eirúba*, —o *mel pae* — isto é: o nome de certa casta de abelha, que os caipiras conhecem por *abelha-eiró*. Um jornalista e escriptor bahiano — o dr. Eunapio Deiró — adoptou esse cognome indigena, precedendo-o da preposição *de*, depois ligada á palavra, com a qual se confundio, e houve um poeta paulista com o nome de Paulo Eiró.

EIXO — Primitivo nome indigena do sitio hoje conhecido por *Fazenda do Eixo*, banhada pelo ribeirão Manêta (no actual município de Itabirito ou Itabira do Campo, na comarca de Ouro Preto). Entre o morro do Sapato e a vertente oriental da Serra da Moêda, ficam as terras conhecidas, na era colonial mineira, por *Eixá*. A enganadora forma portuguesa *Eixo* — pelo nome actual — é mera corruptela de *Eichú* ou *Eixú*, certa abelha negra, indigena e sylvestre, a que acima já nos referimos.

(Vide o toponimo *Exú*, neste esboço de Vocabulario).

ÊMA — Ha uma *Serra da Êma*, no districto de Candeias (comarca de Campo Bello), no Oeste Mineiro; um sitio da *Êma*, no districto da Extrema (município de Inconfidencia), em territorio norte-mineiro; um *Morro da Êma*, no município de Itapacerica (ainda no Oeste); e, no Triangulo Mineiro, fica situado um *Corrego da Êma*, no districto de Abbadia d'Água Suja; assim como ha uma paragem da *Êma*, nessa mesma região occidental de Minas; emquanto que, na margem esquerda do S. Francisco, abaixo da foz do rio Jequitahy e acima do riacho Sobrado (no já referido município de Coração de Jesus ou de Inconfidencia), fica um logarejo denominado *Êma*. Afóra estes citados, ha varios outros sitios da mesma denominação pelo resto do paiz, mostrando como se generalizou, em territorio patrio, o nome *Êma*, considerado de origem africana (por derivação ara-

(*) Temos 47 toponimos ou nomes locais mineiros de origem indigena relacionados na letra E e dos quaes damos alguns delles, nestes excerptos do nosso cit. trabalho.

be), não obstante haver no tupi o thema da palavra de que a nossa lingua houve o vocabulo *Sariêma*. A *êma*, ou *avestruz do Brasil*, é o *Nhandù* (*Rhea Americana*) dos povos da raça tupi-guarani, em cuja lingua a expressão *Nhã-dù* significa ou dá idéa da que "corre veloz e com estrépito"; e, de facto, a carreira da *êma* é tão rapida que um cavalleiro a galope com ella não se emparelha, em nossos campos. Andam as *êmas* quasi sempre aos bandos pelos nossos "campos geraes"; têm uma voracidade brutal e são menores que as avestruzes africanas. São de côr branco-acinzentada, ou malhadas de preto. *Suri*, na lingua "quíchua" do Alto Peru, designa o mesmo *Nhandu*, guarani, isto é, a *êma*, vindo este ultimo nome luso-brasileiro — como opinam alguns etymologistas — do termo arabe — *neâma*, através da pronuncia africana *âma* ou *êma*; e dahi a razão de ser considerado "africanismo", entre nós, esse nome, que os filhos do continente negro teriam trazido para o Vocabulario Brasileiro. Um dos habitos mais interessantes desta ave dos nossos campos é a sua commovedora dedicação pela ninhada, quando, em meio do incendio ateados nos capinzaes ou macegaes, ella vò ou corre, dezenas de vezes, até a aguada mais proxima e traz nas penas molhadas do seo corpo e asas a humidade necessaria para fazer um *aceiro* em torno do ninho e assim preservá-lo das chammas! E' a *êma* uma inimiga tenaz dos ophidios e reptis, dos quaes limpa os nossos campos, do mesmo modo por que o faz a *Seriêma* ou *Sariêma* (*Ptychocheilus cristatus*), outra grande ave campestre do Brasil. Entre os nossos *Gallatores*, pernaltas mal emplumados, figura, portanto, a *êma*, que é a mais importante das nossas aves que correm e não voam (diz GOELDI).

A um vegetal dos nossos campos, e que serve de archote ou facheiro para os tropeiros e viandantes, e do qual tambem se usa como combustivel em muitos pontos do sertão, por ser planta muito resinosa e facilmente inflammavel, dá-se o nome vulgar de *Canella-de-êma* (a *Trinchantera Gigantea*, das *Acanthaceas*). No Triangulo Mineiro, ha mesmo, conforme acima o dissémos, uma paragem conhecida por *Canellas-de-êma*; e nos campos e "cerrados" do planalto diamantino (Norte de Minas), se encontram pelo solo, principalmente nas serras, abundantes exemplares do ultimo vegetal a que nos vimos referindo. A expressão vulgar resultou da semelhança da planta com as pernas rugosas e longas da ave pernalta.

EMBAHU' — Denominação de um tunnel na Rêde Ferrea Sul-Mineira (na linha que sae de Cruzeiro para Passa Quatro), entre os territorios confinantes de Minas e São Paulo, através do macisso

da Mantiqueira. (*) Este nome *Embahú* significa, em lingua indigena, a *garganta* ou *passagem estreita*, e é a unica brécha, aliás, para nesse ponto se transpôr a Serra primitivamente chamada *Amantikira*, depois *Mantiquira* e hoje *Mantiqueira*, entre os territorios mineiro e paulista. — Vide a obra *Historia Antiga das Minas*, de DIOGO DE VASCONCELLOS, pag. 35 da 2.^a ed. Tambem se escreve *Embau* (vide este nome).

Para THEODORO SAMPAIO (*O Tupy na Geographia Nacional*, 2.^a ed., pag. 214), o nome *Embahu'* vem de *Mbá-u* e significa: o *beber do extremo*, ou a *derradeira aguada* (por allusão ao ultimo bebedouro, que os Indios só ahi encontravam — segundo nos parece — ao têrem de atravessar a região altissima da Serra, nessa garganta ou passagem); mas para o citado historiographo mineiro (Dr. Diogo de Vasconcellos), *Mbau* quer apenas dizer — *corredor*, *garganta*, e foi ella a unica passagem conseguida pela engenharia moderna, quando teve de construir a linha ferroviaria dantes chamada "Minas e Rio" (hoje "Rêde Sul Mineira"). Por essa garganta do *Embau*, na Serra da Mantiqueira, foi que o intrepido e velho paulista Fernão Dias ponde, em 1673, á frente de numerosa *bandeira*, atravessar de terras vicentinas para o territorio das Minas Geraes, em demanda da lendaria "Serra das Esmeraldas", nos sertões além da encantada Lagôa Vupabuçú.

EMBAHUBA (que tambem se escreve *Embaúba*) — E' nome local, derivado do conhecido vegetal indigena — *Embaya* (dahi *Embauba*, *Embaya*, *Imbaiba*, *Umbaúba* e outras formas divergentes). Quer dizer: *arvore do ôco*, e vem do tupi (*Mbá-ÿba* (isto é, "a cousa ou arvore do tronco furado", o pau ôco, ou "sem miolo", "sem medulla"). Os elementos formadores da palavra são: *Embá*, "ôca", e *ÿba* (por *yba*), "arvore", isto é, "o vegetal de tronco "ôco", como de facto o é esse leve e bem conhecido páu de embahuba. Não se confunda a "Figueira-do matto" ou *Ambaya* com as verdadeiras *Embahubas* (*Cecropia Adenopus*, *Cecropia Pellata* ou *Cecropia Adornata*, da antiga classificação botânica) e das quaes ha grande variedade nas nossas mattas, como sejam: a *Embauba-branca* (*Cecropia palmata*), tambem dita *Embaútinga*; a *Embauba-verde* (*Cecropia*

(*) A estação do Tunnel, nesse trecho ferroviario de Cruzeiro a Manacá, nos desfiladeiros da Mantiqueira que dominam, do lado paulista, o valle accidentado do Parahyba do Sul, e, do lado opposto, o planalto sul-mineiro do valle do Rio Verde (bacia do Paraná — Sapucahy), ficou assignalada, epicamente, na ultima e cruenta lucla civil, felizmente terminada (1932), depois de quasi tres mezes de guerra.

adenopus, de MARTIUS), e todas muito uteis, pelas fibras que possuem e podem ser aproveitadas na industria de cordoaria, etc. O nosso povo come, guisado como se fôra palmito, o grêlo tenro da *embaúba branca* ou da *embaúba do mallo virgem*. É excellente prato, se cozido com carne de frango ou gallinha, como se usa no interior de Minas; e até, se curtidos em vinagre, os brótos tenros da *embaúba*, como os da *samambala branca*, são conservas condimentadas para mesa, iguaes aos melhores *Pickles* ingleses.

EMBAIACAIA — Nome de uma estação ferrea da *E. F. Central do Brasil* — (Ramal de Coryntho para Bocayuva e Montes Claros) e de um ribeirão affluente do rio Jequitahy, no municipio norte-mineiro de Bocayuva. Esse ribeirão acompanha a Serra da Tabúa, no valle do Jequitahy, e tem elle aguas e margens tão pestilentas, por causa das febres "maleitas" que ahi grassam, em certa quadra do anno, que o fallecido Desembargador CARLOS OTTONI, em 1887, — descrevendo suas viagens á antiga e extincta comarca do Jequitahy, da qual foi o primeiro Juiz de Direito — já chamava, figuradamente, no *Embalaçata* (ou *Embalassáta*) de "emboscada da morte"...

Segundo nos parece, é nome indigena, derivado da expressão *Mbá-yá-çata*, e corresponde ao nome vulgar *Manda-çata*, pelo qual é conhecida uma abelha sylvestre, em Minas. A denominação indigena faz allusão ao ninho ou cortiço de barro, em fórma saliente, com o orificio de entrada para o lado de cima, conforme é costume da abelha *Mandaçata* fazer a sua colmeia. Alguns autores também traduzem o nome indigena deste rio *Embalaçata* como allusão ao seo curso muito tortuoso (talvez *Mbá-rá-çata*): "a cousa trançada, emaranhada". O povo da região corrompe, ás vezes, a pronuncia do nome indigena do ribeirão, dizendo — *Embarassáta*, ou *Embaraçata*, evidente origem da expressão indigena, que outros usam escrever sob diversas variantes, que em seguida analysaremos.

EMBAIACAINHA — Córrego tributario do ribeirão *Embalaçata*, no municipio norte-mineiro de Bocayuva (valle do rio Jequitahy). É o diminutivo abasileirado do toponimo indigena *Embalaçata*, com a terminação portuguesa *-inha*; e por tal palavra se designa, na região, uma especie de abelhinha do matto, muito mellifera, da qual se derivaria o nome do referido e tortuoso curso d'agua, no sertão norte-mineiro.

EMBAIASSAIA — É uma das varias fórmas ou corruptelas da orthographia e prosodia vulgares para o toponimo indigena *Embalaçata*, já acima estudado neste esboço ou ensaio de *Vocabulario para*

os nomes locais mineiros, principalmente originados de linguas americanas e africanas.

EMBAIASSAINHA — Assim é pronunciado, sibilantemente, pelos nossos sertanejos; o nome do pequeno e insalubre affluente do rio Jequitahy (municipio de Bocayuva) e cuja verdadeira denominação indigena (*Embalaçata*) já examinámos. O nome local do dito córrego, *Embalassáinha*, é um hybridismo brasileiro, em que ao nome indigena se juntou a terminação vernacula *-inha*, para exprimir o gráu diminutivo da palavra.

EMBARAÇATA — Assim é denominado também pelos habitantes das cercanias de *Tabúa* (no districto diamantinense de Joaquim Felicio), o mesmo córrego *Embalaçata* (toponymo já estudado).

EMBARUBAS — Fórmã orthographica divergente e erronea, com que, ás vezes, apparece designado o toponimo indigena, pluralizado — *Embahúbas* ou *Embaúbas* — em muitos documentos e escripturas colonias, talvez por erro de cópia do verdadeiro nome indigena — *Embaúba*, derivado de *Mbahyba*. Todavia, convém lembrar outro americanismo approximado — *Simarúba*, planta medicinal indigena.

EMBAU' — Nome de uma parada e de um tunnel (tirado da antiga denominação dada á passagem ou garganta do velho caminho colonial paulista para as Minas, na abertura ou brécha da Serra da Mantiqueira), na actual "Rêde Ferrea Sul Mineira", entre o municipio mineiro de Passa-Quatro e o municipio paulista de Cruzeiro. Escreve-se *Embahú* ou *Embaú*, sendo hoje seguida a primeira fórma graphica, da qual já nos occupámos, anteriormente. Vem do tupi *Mbau'*, que significa, exactamente, "garganta"; e ahi, na Serra da Mantiqueira (*Amantiquira*, antigamente) — já o dissemos — só a poderam transpôr as primeiras "bandeiras" dos sertanistas paulistanos, que vieram de Taubaté em rumo ao territorio sul-mineiro, quando se lhes cepearou a unica passagem por essa estreita e praticavel travessia, ou garganta, que existe na referida cordilheira, e ainda hoje se chama *Embau'*, ou *Embahú'* (Vide este toponimo *Embahú*, no presente Vocabulario).

EMBAUBAS — É frequente com esta graphia e no plural este toponimo geographico mineiro. Ha um logarejo assim chamado, no districto da cidade de Bello Horizonte (entre a Fazenda Modelo da Gamelleira e a Colonia Estadual do Barreiro); uma serra das *Embaúbas*, no municipio de Muriahé; e um ribeirão das *Embaúbas*, no districto de Cachoeira Alegre (municipio de Palma), ambos no Sueste Mineiro. Varios sitios e propriedades agricolas e pequenos cursos d'agua por tal nome ainda são designados, em varios

pontos de Minas. O toponimo designa o plural aportuguesado (com a terminação em *s*) da palavra indigena — *Embaúba*. Em lupi, *embaúbas* melhor se diria *Embautlba* (o mesmo que “embaúba em quantidade”), o *embaubal*, ou porção de pés de *embaúbelras*. Orthographicamente, apparecem no Brasil estas fórmulas divergentes do nome em questão: *embahúba*, *embaúba*, *embahiba*, *imbaiba*, *imbaúba*, *ambaiba*, *ambaúba*, *ambaúva*, *umbaúba*... Em botanica, vem a ser a *Embaúba* o vegetal classificado por *Cecropia peltata* das Urticaceas, e que o povo chama “Páu-de-preguiça”, por viver trepado nelle, alimentando-se dos brótos e tenras folhas da *Embaubeira*, o animal indigena vulgarmente conhecido por “Preguiça” (em Zoologia, *Bradypus didactylus*, ou *Bradypus tridactylus*).

Continuam no proximo tomo desta *Revista do Archivo Publico Mineiro* as presentes Nótulas sobre a toponymia geographica (de origem brasilico-africana), em Minas Geraes.

Factos e casos da nossa lingua, no Brasil

I

A) A PROPOSITO DO BRASILEIRISMO “MEXERICA” OU “MIXIRICA”

“MEXERICA é o nome que nós Mineiros damos a certa fructa conhecida em outros pontos do paiz pelo nome de *langerina*.

Essa fructa tem um cheiro activo, penetrante e sobreludo persistente. Em virtude disso, as pessoas que a comem não podem occultar tal facto a quem dellas se approxime. Vae dahi o dar-se-lhe, segundo conjecturamos, o qualificativo de *mexeriqueira*, que, além do significado de *intrigante*, *enredador*, emprega-se com referencia a quem não guarda segredo, *candongueiro*, portanto. *Fructa-mexeriqueira* reduzir-se-hia a *mexeriqueira*, por elipse do termo fructa. Cfr. *pêssego*, de *persicum*, com elipse de *malum*. Depois, como existissem, por exemplo, *bananeira*, *laranjeira*, *limeira*, derivados de *banana*, *laranja*, *lima*, era natural que se visse em *mexeriqueira* um termo de formação identica, conjecturando-se, então, o primitivo vocabulo *mexerica*.

Outra hypothese que nos parece verosimil é a da adjectivação do substantivo *mexerico*, da qual resultaria a expressão *fructa-mexerica*, que se reduziria a *mexerica* pela elipse já referida.

A adjectivação de substantivos é um capitulo curioso da derivação impropria. Estudando o adjectivo *vindimo*, formado pelo substantivo *vindima*, assim se expressa JULIO MOREIRA: “O processo por que se formou do substantivo *vindima* o adjectivo *vindimo* é o mesmo de que resultaram expressões como couros *bezerros* (de *bezerro*), palha *centeia* (de *centeio*), palha *milha* (de *milho*), *farinha triga* (de *trigo*), etc. Estas ultimas pertencem já ao dominio da lingua literaria” (*Est. da ling. port.*, vol. I, pag. 216).

Na linguagem do nosso povo encontram-se substantivos adjectivados, o que se pode ver de expressões, como: *banana-ouro*, *banana-figo*, *frango-pelucio*, *galho-mamono*, *boi-estrela*, *boi-laranja*, *mula-pinhã*, *vacca-zebuá*, *cavallo-pombo*, etc. Em taes expressões os